

Filosofia Cinema

CRÍTICA

FILME PEÇA AO DESCREVER COMO FUGAZ A RELAÇÃO DE ARENDT COM HEIDEGGER

Mario Vargas Llosa

Estive uma semana em Paris e o fantasma de Hannah Arendt acompanhou-me por toda parte. Três cinemas do Quartier Latin exibiam um filme que Margarethe von Trotta dedicou a ela que me agradou muito. Não é um grande filme, mas um bom depoimento sobre a forte personalidade da autora de *As Origens do Totalitarismo*, sua lucidez e sua íntegra independência intelectual e política.

O filme centraliza-se quase totalmente na reportagem que Hannah Arendt escreveu, a seu pedido, para a *The New Yorker*, sobre o julgamento do criminoso de guerra nazista Adolf Eichmann, realizado em 1961 em Jerusalém, e o escândalo e a controvérsia provocada, sobretudo quando o texto apareceu ampliado em um livro em 1963, em que ela desenvolve sua teoria sobre a “banalidade do mal”.

A atriz Barbara Sukowa faz uma sutil interpretação de Hannah. A maior fraqueza do filme é a fugaz e caricatural descrição da relação de Hannah com Martin Heidegger, de quem foi discípula, depois amante, e por quem, apesar do vínculo de Heidegger com o nazismo, sempre teve uma admiração incondicional (quando Heidegger fez 80 anos ela dedicou a ele um longo e generoso ensaio).

E, ao sair do cinema, descobri que no pequeno teatro de La Huchette, onde continuam a encenar as primeiras obras de Ionesco (*A Cantora Careca* e *A Lição*), que vi em 1958, estava também em cartaz uma peça de um autor argentino, Mario Diamant, *Un Informe Sobre la Banalidad del Amor*, (Um informe sobre a banalidade do amor), com o subtítulo *Historia de Una Pasión* (História de uma paixão), dedicada à relação de Hannah Arendt e Heidegger.

Existiu realmente uma paixão entre a brilhante jovem judia que sofreu perseguições, esteve num campo de concentração e precisou se exilar nos Estados Unidos para escapar da morte, e o grande filósofo do ser, que aceitou ser reitor da Universidade de Friburgo sob leis nazistas e morreu sem nunca ter renunciado ao seu cartão de militante do Partido Nacional Socialista? Na obra de Diamant sim, foi uma paixão compartilhada, duradoura e traumática, que nem mesmo as atrocidades do Holocausto conseguiram abolir completamente. A obra é benfeita e os dois atores que representam os protagonistas são magníficos – Maïa Guéritte e André Nerman. Mas, na realidade, parece que essa paixão foi bastante assimétrica, mais profunda e constante da parte da discípula do que da parte do filósofo, que, aparentemente, teve uma queda mais supérflua e transi-



DIVULGAÇÃO
Sutil. Barbara Sukowa como a autora de *As Origens do Totalitarismo*

Adolf Eichmann, o homem sem qualidades

Hannah Arendt, que estreia em julho, descreve tenente da SS como um imbecil que, pelo nazismo, chegou a altas posições

tória por ela. (A verdade é que sobre este assunto há mais conjecturas e fofocas do que verdades comprovadas.)

Em todo caso, esses episódios me levaram a ler *Eichmann em Jerusalém* (Eichmann em Jerusalém), que tinha abandonado antes de terminar a primeira vez que tive o livro em mãos.

FILME É BOM PARA REVER A SUA INDEPENDÊNCIA POLÍTICA

Ao ler esta obra agora, meio século depois de sua publicação, surpreende o fato de que este denso, intenso e admirável ensaio tenha provocado, ao ser publicado pela primeira vez, ataques tão grotescos (a autora chegou a ser acusada de pró-nazi e antijudia por alguns fanáticos exaltados que assinaram manifestos para que ela fosse expulsa da universidade americana onde lecionava).

Mas isso não deveria chamar muito a atenção, pois o século

20 não foi só o século das grandes carnificinas humanas, mas também o século do fanatismo e da estupidez ideológica que as incitaram.

Arigorosa autópsia que Hannah Arendt faz do tenente-coronel da SS Adolf Eichmann, homem de confiança de Himmler e um dos mais destacados especialistas do regime hitleriano no “problema judaico” – ou melhor, na exterminação de 6 milhões de judeus europeus –, baseada em documentos e depoimentos apresentados em juízo, oferece conclusões espantosas e válidas não apenas no caso do nazismo, mas de todas as sociedades corrompidas pelo servilismo e a covardia que qualquer regime totalitário provoca na população.

O espírito romântico, inato no Ocidente, jamais se libertou

AÇÃO SE CENTRA EM ARTIGO DA FILÓSOFA SOBRE O CRIMINOSO

do preconceito de ver a fonte da crueldade humana em personagens diabólicos e de uma grandeza terrível movidos pelo ideal degenerado de fazer os outros sofrerem e semear em torno de si lágrimas e devastação.

Nada disso aflora na personalidade de Eichmann, esse pobre diabo medíocre, que fracassou em tudo o que empreendeu. Um homem inculto e imbecil, que encontrou rapidamente, dentro da burocracia do nazismo,

a oportunidade de ascensão e de desfrutar o poder. É disciplinado mais por negligência do que por convicção; um instinto de sobrevivência anula sua capacidade de pensar se existiria algum risco nisso e ele obedece e serve a seu chefe com uma docilidade canina, colocando uma venda moral que lhe permite ignorar as conse-

quências dos atos que pratica diariamente (como despachar trens carregados de homens, mulheres, crianças e idosos de todas as cidades europeias para os campos de trabalhos forçados e as câmaras de gás).

Diante dos jurados, Adolf Eichmann afirmou enfaticamente que nunca matou um judeu com suas mãos, e certamente ele não mentiu.

Qualquer pessoa que suportou uma ditadura, mesmo a mais branda, sabe que o sustantivo desses regimes que anulam a liberdade, a crítica, a informação sem viseiras e escarnekem dos direitos humanos e da soberania individual, são esses indivíduos sem qualidades, burocratas de ofício e de alma, que movimentam as alavancas da corrupção e da violência, das torturas e das violações, dos roubos e desaparecimentos, olhando sem olhar, ouvindo sem ouvir, agindo sem pensar, transformados em autómatos vivos que, como Adolf Eichmann, chegam a altas posições.

ELA AMPLIOU O TEXTO COM TEORIA SOBRE A ‘BANALIDADE DO MAL’

Invisíveis, eficazes, a partir desses refúgios que são seus gabinetes, essas pessoas mediocres, sem rosto e sem nome, que pululam em todos os engrenagens de uma ditadura, são sempre as responsáveis pelos piores sofrimentos e horrores que ela produz, os agentes desse mal que, com frequência, em vez de se revestir da satânica generosidade de um Satanás, se esconde sob a pequenez de um obscuro funcionário.

Kafka já identificou essa figura nos invisíveis personagens

que julgam e executam inocentes como K por crimes fantásticos e inexistentes, mas o grande mérito de Hannah Arendt foi ter tirado da literatura esse hipócrita e dar a ele o papel que merece como sequeiro indispensável dos verdugos e classificá-lo como o agente predileto do mal no universo totalitário.

Eichmann “não era nem um Iago nem um Macbeth”, diz Hannah Arendt, e tampouco um estúpido. “Foi a pura falta de pensar – o que não é pouca coisa – que o levou a se tornar um dos maiores criminosos da sua época. Isso é ‘banal’ e até cômico, pois nem com a maior vontade do mundo se conseguiu descobrir em Eichmann a menor índole diabólica ou demoníaca.”

O terrível no caso de Eichmann é que ele não era um homem excepcional, mas uma pessoa comum e vulgar. O que significa que todo homem comum e vulgar, em determinadas circunstâncias (uma ditadura hitlerista, por exemplo), pode transformar-se num Eichmann.

Quem afirmou isso anos antes foi Georges Bataille, ao comentar o

prontuário criminal do valeroso companheiro de batalha de Juan de Arco que, descobriu-se depois, assassinava crianças em série porque era um perverso sexual: “Gostando ou não, no fundo de todos nós, não só os ‘maus’, mas também os ‘bons’”, esconde-se um pequeno Gilles de Rais. / **TRADUÇÃO DE TEREZINHA MARTINO**

Ministério da Cultura apresenta

Cultura Artística
MÚSICA DE CÂMARA 2013

TRIO GUARNERI DE PRAGA

27 de junho, 21h
Teatro Cultural Artística Itaim

BEETHOVEN Allegretto
SCHUBERT Trio nº 2

Na abertura da noite, a jornalista Gioconda Bordon sobe ao palco para uma conversa rápida e informal com os músicos.

Ingressos à venda.

4003 1212 | Ingresso rápido
ingressorapido.com.br

Patrocinador: Itaú | Patrocinador-Fundador: Grupo Promon | Afiliado: MUSEU ESTADÃO | Realização: Cultura Artística | Governo Federal: BRASIL

FÉRIAS DE JULHO

RIVIERA MAYA
CURTA A EXPERIÊNCIA

GRAN BAHIA PRINCEPE RIVIERA MAYA RESORT 4*
06 noites com tudo incluído - Saída de São Paulo: 19 a 26/julho
Entrada de **R\$ 1.072 + 9x de R\$ 357**
A PARTIR DE R\$ 4.289 (TOTAL EM US\$ 1.898)

PLAYACAR PALACE 5*
06 noites com tudo incluído - Saída de São Paulo: 19 a 26/julho
PROMOÇÃO: CRÉDITO DE US\$ 1.500 POR APARTAMENTO!
Entrada de **R\$ 1.319 + 9x de R\$ 440**
A PARTIR DE R\$ 5.277 (TOTAL EM US\$ 2.335)

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS
ADVtour (11) 2167.0633
0800.724.0411
www.advtour.com.br

RIVIERA MAYA MÉXICO

Preço por pessoa e inclui: passagem aérea em classe econômica saindo de São Paulo, hospedagem em apto. duplo, traslados e cartão de assistência. Forma de Pagamento: 25% de entrada + 9x sem juros nos cartões de crédito. Valores a serem convertidos em Reais no dia da compra, sujeitos a disponibilidade e podendo sofrer alterações sem prévio aviso. Dólar Turismo de referência: US\$ 1,00 = R\$ 2,26 do dia 19/06/2013. Ofertas válidas para pagamento até 01/07/2013.